

A PRELAZIA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA (MT) E A LUTA SOCIAL DURANTE O REGIME MILITAR

Rodrigo Augusto Leão Camilo

A região da Prelazia de São Félix do Araguaia tem um histórico de ocupação branca muito recente, com a predominância do elemento indígena por séculos. Paulatinamente, especialmente a partir do início do século XX, migrantes de várias partes do país passam a se deslocar para a região, fazendo do lugar seu local de moradia e trabalho. Contudo, na década de 1950 as primeiras terras são colocadas à venda, atraindo o interesse de latifundiários e empresas agropecuárias. Esse interesse intensifica-se a partir da segunda metade da década de 60 com o Estado brasileiro por meio das superintendências de desenvolvimento do da Amazônia e do Centro-Oeste (SUDAM e SUDECO, respectivamente), colocando em choque os interesses capitalistas contra os posseiros do lugar.

Muitos religiosos, por questões pastorais, tomaram o rumo da região, como os padres Manuel Luzón, Pedro Casaldáliga, Francisco Jentel, entre outros, e identificaram-se com a luta dos posseiros, os quais à época estavam em conflito com os latifundiários e as empresas que estavam se instalando pelo Mato Grosso. Dando mais força à missão religiosa para o nordeste do Mato Grosso, em 13 de março de 1970, o papa Paulo VI assinou o decreto *Quo commodius* que definia os limites da prelazia:

Ao norte, os confins da Prelazia de Conceição do Araguaia, que atualmente delimitam os Estados do Pará e Mato Grosso; ao leste os confins da Prelazia de Cristalândia, e ao Oeste os da Prelazia de Diamantino, ou seja, os rios Araguaia e Xingu; ao sul a linha traçada em direção noroeste desde a confluência dos rios Curuá e da Morte; e daí em linha reta até a confluência dos rios Couto de Magalhães e Xingu¹

Há bastante dificuldade em precisar o número total de habitante à época² mas segundo estimativas, haveria cerca de 100 mil habitantes na região no momento em que a Prelazia de São Félix foi constituída. Ao todo, 15 municípios compunham o território dentro da prelazia, dentre os quais os podemos destacar – além da própria São Félix do Araguaia – as cidades de Santa Terezinha, Luciara, Ribeirão Cascalheira e Barra do Garças, entre outras.

Inicialmente, a população era atendida pelo regime de *desobriga*. Desobrigas são visitas que padres realizam nas comunidades de seus fiéis onde são feitos casamentos, batismos, missas e outras atividades religiosas³. Essas visitas eram momentos de grande

alegria por parte dessas pessoas, que as recebiam “com festa, galinha, brindes, arroz, feijão, tartaruga, jabuti, o que pudesse, enfim, retribuir a graça recebida” (MARTINS E., 1979, p. 40). Dessa forma, percebe-se o quão positiva era a relação dos religiosos com o povo da região, estando eles firmemente compromissados a auxiliarem os seus fies, não apenas nas questões espirituais, mas também nas questões materiais, questões essas que tanto afligiam o povo da região.

É interessante notarmos as características do povo da região. Ao chegarem ao nordeste do Mato Grosso, os missionários procuravam conhecer e sentir a realidade com a qual eles estavam lidando. Uma área abandonada socialmente pelas autoridades políticas, com o ensino estando abandonado, posto de saúde em situação precária, ruas de terra, insetos, doenças e muitos outros flagelos à população (situação que se agravaria com a chegada das grandes empresas agropecuárias e o recrudescimento dos conflitos na região).

Pedro Casaldáliga traçou um quadro interessante dos habitantes da região, que tentaremos resumir em suas principais características. Tratava-se de um povo essencialmente sertanejo, de vida retirante e acostumado ao trabalho duro. Ao mesmo tempo, era um povo hospitaleiro, simples e corajoso frente às dificuldades que lhes eram impostas; Era uma população extremamente religiosa, tendo em Deus a força e a motivação para seguirem em frente com suas vidas. Ali, entretanto, a superstição marca profundamente o imaginário popular com suas crenças e mitos. A moral é uma virtude preciosa para os habitantes dali: o que fazia com que a justiça, as “reparações” e os desentendimentos fossem resolvidos com a própria “mão”. O comportamento sexual era promíscuo, na opinião de Pedro Casaldáliga: os casais tinham filhos com bastante frequência, às vezes um atrás do outro; havia uma verdadeira proliferação de cabarés, os quais eram bastante freqüentados por peões e jagunços. Os fazendeiros e grandes acionistas das empresas que funcionavam na região praticamente não apareciam por lá, deixando suas responsabilidades a cargo de funcionários⁴.

Foi nesse cenário que a ação pastoral foi desenvolvida, acudindo uma população que historicamente sofria com dificuldades na região, fato que foi agravado com a instalação de empresas agropecuárias na região e o subsequente apoio do Estado brasileiro a esses capitalistas. Homens como Casaldáliga, Jentel, entre tantos, imbuídos de uma nova inspiração teológica e encontrando no nordeste do Mato Grosso o lugar propício para colocarem em prática essa sua nova inspiração, lutaram ao lado dos

posseiros contra uma forte perseguição a qual foram submetidos, luta, que por sinal, ceifou a paz e até mesmo a vida de alguns deles.

1. Os padres na mira da lei: os casos Burnier e Jentel

A consequência da posição dos religiosos no nordeste do Mato Grosso de defesa dos pobres e oprimidos, foram duras. Ao tomar posição a favor dos posseiros, em sua desigual luta contra o Estado autoritário e o latifúndio, os religiosos passaram a sofrer uma intensa vigilância, acompanhada de ameaças e violência. Em uma carta escrita para seus amigos bispos Dom Fernando Gomes, de Goiânia, Dom Thomaz Balduino, da cidade de Goiás e Dom Aloísio Lorscheider, de Fortaleza e Pedro Casaldáliga, prelado de São Félix, relata um evento que ele e seus colegas enfrentaram: “Há três dias e duas noites que estamos presos, dentro da residência episcopal, eu e os Padres Canuto, Pedro Mari e Leopoldo. As irmãs, residentes em São Félix, estão nas mesmas condições (MARTINS E., 1979, p.117).

O que houve foi que a atividade missionária causava grandes problemas à tentativa das autoridades de impor a “ordem” na região. A conduta dos padres e a teologia que abraçavam eram totalmente rejeitadas pelos defensores do sistema implantado pelos militares no Brasil. Tarcísio Padilha, de uma família ultraconservadora ligada aos militares no poder, ao criticar os elementos subversivos no Brasil, criticava a “teologia da violência” e a “participação de religiosos em movimentos subversivos” (SERBIN, 2001, p.29). No nordeste do Mato Grosso, aconteceu uma situação em que a ação do Estado e dos latifundiários contra os posseiros causava a mobilização dos religiosos em favor destes contra aqueles. Essa defesa fazia com que o Estado e as grandes empresas tratassem os religiosos como inimigos, aumentando a desconfiança e o controle sobre eles.

Um exemplo dos conflitos entre as forças do Estado e os religiosos da Prelazia de São Félix, foram os acontecimentos de outubro de 1976, na cidade de Ribeirão Cascalheira. Duas mulheres estavam presas e sendo torturadas na cadeia da cidade. Os gritos vindos do lugar mobilizaram os moradores da cidade e a ação do bispo Pedro Casaldáliga e do padre João Bosco Penido Burnier, que se dirigem ao local. Ao chegarem lá, iniciaram-se conversações tensas entre os religiosos e os policiais, os quais não aceitaram nenhuma argumentação apresentada pelos religiosos. Burnier avisou ao policial Ezy que iria denunciar as arbitrariedades que estavam sendo cometidas, fato que levou o policial a agredir Burnier com um tapa e uma coronhada com sua arma. Não

satisfeito, Ezy então disparou um tiro⁵. Este momento foi descrito por Edilson Martins assim: “O corpo de João sobe, desloca-se no ar. Desse ruído o povoado foi testemunha. Pedro olha, vê o corpo ainda no ar, subindo, se deslocando. Os pés retesados, as pontas dirigidas para o chão, Uma fumaça seca, um tiro pesado, ensurdecedor, um corpo que se deslocou, cortando o ar, buscando o teto. (MARTINS E., 1979. p.21)”.

Uma semana depois dos acontecimentos na cadeia de Ribeirão Cascalheira, a mesma foi derrubada por centenas de moradores do povoado. O resultado de tudo o que ali aconteceu foi que 11 pessoas foram denunciadas pela derrubada da cadeia do povoado, inclusive uma irmã pertencente à Prelazia. Já o soldado Ezy teve, inicialmente, como pena a detenção por três dias da semana, em prisão especial, tendo o resto de seus dias desfrutando de liberdade...

Outra figura de destaque no território da prelazia foi o francês François Jentel, conhecido como padre Francisco. Ele assistiu aos os trabalhadores da cidade de Santa Terezinha de maneira bastante intensa, auxiliando-os inclusive na formação de uma cooperativa, a CAMIAR (Cooperativa Mista de Produtores do Araguaia), em 1964 com dois objetivos específicos de melhorar e organizar o sistema de trabalho dos posseiros e organizá-los politicamente para melhor se protegerem das pressões que eles estavam sofrendo por parte das empresas agropecuárias.

E essas pressões não tardaram a aparecer. A cooperativa foi denunciada – assim como o padre Jentel – de servir como depósito de armas para ataques contra a polícia, bem como o referido padre por atuar como “municipador” dos posseiros. Com a instalação da empresa agropecuária CODEARA na região a partir da metade da década de 1960, as tensões passaram de apenas políticas, para de enfrentamentos entre posseiros e funcionários da empresa.

Sabe-se que o objetivo do padre Jentel era o de defender os interesses dos posseiros da região, bem como evitar que eles sofressem abusos por parte da empresa e das forças policiais. Em uma carta reproduzida por Maria Esterci, Jentel afirma que “Todos os meus esforços têm sido para afastar meus paroquianos da violência”. Como cristãos, eles devem guardar seu coração para a caridade universal. É preciso tanto paciência como firmeza (ESTERCI, 1987, p.46). Francisco Jentel era um bom negociador e possuía uma argumentação justa e embasada, fato que dificultava os planos da CODEARA para a região, fato que fez o padre tornar-se inimigo número um da empresa, que passava a procurar meios para desqualificá-lo ou para expulsá-lo da cidade de Santa Terezinha.

A solução encontrada foi enquadrar Jentel como “elemento subversivo”, atraindo o interesse dos militares para o caso e complicando a presença de Jentel na região. Em relatório produzido para o SSI, há a expressa recomendação para o caso de Santa Terezinha: “O Padre Francisco (François Jackes Jentel) ali reside a cerca de 15 anos, sendo de fato muito respeitado pelos sertanejos, isto em consideração a situação de padre. Tanto o padre Jentel como os padres de São Félix são todos de ideias subversivas e pregam o que chamam “a conscientização dos povos”, criando conflitos sociais e políticos na região[...]”⁶”.

Foi tentada uma situação negociada para evitar a expulsão o padre do Brasil, desde que ele deixasse Santa Terezinha, mas essa tentativa não deu certo, o que fez Jentel deixar o país, pois “sua partida se tornou necessária depois que ele recusou uma oferta de Dom Eugênio para trabalhar sem alarde em uma arquidiocese no Rio de Janeiro” (SERBIN, 2001, p. 263).

A partida de Jentel do Brasil esteve envolta em mistério. A versão mais provável – e factível –, proveniente de Pedro Casaldáliga, informa que o padre Jentel faria apenas uma visita à sua mãe na França, visto que apesar de sua missão no Brasil, ele nunca deixou de se corresponder com sua família. Sabido era também que Jentel era *persona non grata* dos militares, os quais não desejavam a presença do padre francês em solo brasileiro. De qualquer modo, Francisco Jentel retornou ao Brasil, mas não por muito tempo. Sua presença era por demais incômoda para ser tolerada, resultando no seguinte episódio:

Quando retornou [Jentel], com toda a documentação necessária, foi violentamente seqüestrado, chaqualhado. Inclusive pegaram-no pelos testículos, deixando-o praticamente sem sentidos, quando deixava a residência de D. Aloísio Lorscheider, em Fortaleza. Foi imediatamente expulso, por decisão do Presidente Geisel. (MARTINS E., 1979., p. 191).

Portanto, a luta dos religiosos no nordeste do Mato Grosso não foi em vão. Guiados pelo senso de ajuda ao próximo, Burnier e Jentel, entre outros, sacrificaram suas vidas em favor dos oprimidos. Burnier perdeu sua vida, Jentel o seu direito de ir e vir, mas ajudaram centenas de pessoas que necessitavam de apoio em uma luta injusta, apoio que não só não veio do Estado, mas que veio dele contra os posseiros e os padres que os ajudavam.

2. Pedro Casaldàliga: em conflito com o latifúndio e a marginalização social

Pere Maria Casaldàliga i Pla nasceu na cidade de Balsareny, província de Barcelona, na Espanha, no dia 16 de fevereiro de 1928. Em sua infância, Casaldàliga vivenciou a Guerra Civil Espanhola, conflito no qual ele pela primeira vez lidou com termos que lhe seriam bastante usuais na sua vida no Brasil, como *vermelhos* e *comunistas*. Nesse período, inclusive, ele perdeu um tio assassinado pelas tropas comunistas naquele período “Minha família sempre esteve mais ou menos ligada à direita” (CASALDÀLIGA, *apud* MARTINS. E, 1979, p.86).

Com as mudanças de orientação dentro da Igreja, a América Latina ganhava importância dentro do novo foco pastoral, o que fez com que muitos religiosos europeus migrassem para a região⁷. Quando chegou a São Félix do Araguaia, Pedro Casaldàliga encontrou um povo que passava por vários tipos de necessidades, como fome, doenças, violências, entre outros. Um dos dramas da população local que mais comovia o padre catalão era a situação das crianças, como ele descreve a seguir:

As crianças eram muitas vezes enterradas em caixinhas de papelão. Em caixas de sapato. Houve até mesmo uma ocasião que ao levar para o cemitério um anjinho desses, ele despencou-se da caixa de sapato, indo cair no chão, praticamente nos pés dos acompanhantes, em sua maioria crianças. Uma situação indescritível, terrivelmente chocante. Semanalmente, quase que diariamente, vinham as crianças ofegantes e gritavam: “Padre, tem um anjinho aí. Mamãe mandou avisar”. Quase cheguei ao desespero. Pensei que se continuasse aquela situação eu, psicologicamente, não resistiria. (CASALDÀLIGA *Apud* MARTINS E., p. 48).

Casaldàliga resistiu e foi o apoio espiritual e humano para os moradores da região. Diante a essa situação dessas pessoas, o prelado não mediu esforços para aliviar o sofrimento dos moradores da região, atitude que o colocou contra forças poderosas da região e do país, trazendo grandes problemas a ele e seus colaboradores. [Em 1973] “Eu e minha equipe nos declaramos uma Igreja perseguida” (CASALDÀLIGA, *Apud*, MARTINS, 1979, p. 53) declarou Pedro Casaldàliga no ano de 1973. Nessa época, as ações da empresa CODEARA em Santa Terezinha estavam mais intransigentes do que nunca, inclusive com vários conflitos armados. Ademais, em diversos povoados da Prelazia, grandes fazendas expulsavam famílias de trabalhadores posseiros.

Um dos motivos da repressão contra a Prelazia de São Félix do Araguaia e seus religiosos foi a publicação de uma carta pastoral escrita por Pedro Casaldàliga, em 1971. Nessa epístola, Casaldàliga faz exposições, entre outros pontos, sobre a situação

geográfica da região (parte I), a instalação das grandes fazendas agropecuárias na região (parte III), a realidade política da região (Parte VII) e a sua atuação e da Igreja da qual ele é prelado (parte VIII), entre outros pontos⁸.

Essa postura crítica e firme do prelado de São Félix o colocou mais do que nunca como alvo de seus inimigos na região. Uma demonstração dos perigos que Casaldáliga estava exposto foi o incidente, já citado, na delegacia de Ribeirão Cascalheira. De acordo com Kenneth Serbin “Dom Pedro quase foi morto. Por engano, policiais que atuavam como assassinos mataram o padre jesuíta João Penido Burnier (SERBIN, 2001, p. 292). Pedro Casaldáliga sempre teve consciência das conseqüências que sua militância na região poderia trazer, pois ele mesmo afirmava “Seremos cada vez mais perseguidos, porque optamos. Nos colocamos no ponto de vista do oprimido” (CASALDÁLIGA *Apud* MARTINS E., 1979, p. 55).

A atuação dos religiosos era um assunto em que não havia unanimidade no seio da Igreja Católica. Essa atuação mais próxima ao povo, a opção preferencial pelos pobres, incomodava elementos dentro da própria Igreja. Dom Geraldo de Proença Sigaud⁹, arcebispo de Diamantina (MG), escreveu um contundente relatório em 1977 publicado em vários jornais do Brasil no qual afirmava: “Há infiltração comunista em todas as partes e também na Igreja (SIGAUD *Apud*, MARTINS, 1979, p.120). Não satisfeito, ele enviou uma cópia do relatório ao Vaticano para que “A Santa Sé tome medidas que o problema exige” (SIGAUD *Apud*, MARTINS, 1979, p. 120). Sigaud em seu relato afirma categoricamente que Pedro Casaldáliga tinha influência na “invasão comunista” no Brasil, citando declarações do Padre espanhol e mostrando como as ações de um “estrangeiro” iam de encontro aos interesses do governo brasileiro. Pedro Casaldáliga respondeu a esse relatório afirmando que o mesmo já havia sido confeccionado e estava em posse dos órgãos de segurança brasileiro, bem antes que Sigaud o divulgasse. Dessa forma, o arcebispo de Diamantina teria apenas assinado o dito relatório, para dar mais credibilidade ao dossiê. Casaldáliga conclui dizendo que o material de Sigaud “É um simples apanhado tendencioso de textos mutilados e que não expressam o meu pensamento e atitude, corretamente. É evidente que os meus escritos só tem valor probatório se publicados na íntegra e dentro de seu contexto”. (CASALDÁLIGA *Apud*, MARTINS, 1979, p.126)

Em face das ameaças, Pedro Casaldáliga sempre se manteve calmo, seguro de suas ações e nunca se retraiu em sua luta pelos oprimidos. Quanto à Santa Sé, dizia-se

que o Papa teria dito que “tocar na gente (os missionários da Prelazia) seria tocar no Papa (CASALDÁLIGA *Apud*, MARTINS. 1979, p. 202).

Pedro Casaldáliga foi poeta e na sua poesia estava contida sua posição contra o latifúndio e as injustiças sociais que ele assistia. Casaldáliga definia assim seu dom poético: “Esta sensibilidade, esta intuição, uma atitude de ternura, ante à natureza, ante às coisas todas, ante os homens; diante da dor, da fraqueza, da pequenês, nas horas e nas circunstâncias exultantes também... Por ela expresse minha fé e também meu ministério” (CASALDÁLIGA *Apud*, MARTINS, 1979, p.16).

O alto teor crítico das poesias de Casaldáliga, somado à sua incansável luta pelos pobres, rendeu-lhe o qualificativo de comunista. Prova disso é o já citado Relatório Sigaud, no qual as críticas feitas ao padre espanhol baseiam-se nos seus poemas. Um dos poemas mais fortes do prelado de São Félix é intitulado de “Louvor e Maldição”. Nele, Casaldáliga exemplifica bem sua aversão ao latifúndio e aos programas de desenvolvimento do Governo:

Maldito seja o Latifúndio,
Salvo os olhos de suas vacas.
Maldita seja a SUDAM,
Sua amancebada.
Maldita seja para sempre a CODEARA!
Bendito seja Deus,
E a guerrilha de sua palavra.
Bendita seja a Terra
De todos, e trabalhada¹⁰.

Pedro Casaldáliga foi um dos religiosos que mais bem representou a “opção preferencial pelos pobres” por parte da Igreja Católica. A sua investidura como bispo aqui no Brasil é um exemplo da atitude que ele tomou para sua vida religiosa no país:

No dia 23/10/71 Pedro tornou-se um bispo sem anel, sem mitra, sem báculo, sagrado às margens do Araguaia. Com uma cruz de couro feita pelos presos políticos de São Paulo, uma borduna indígena como báculo, um anel de tucum, uma veste tecida pelas mãos das mulheres da região, e um chapéu de vaqueiro substituindo a tradicional mitra, Pedro tornou-se o bispo dos posseiros sem terra, dos índios retirantes, da nova Igreja da América Latina. (MARTINS E., 1979, p. 107).

Casaldáliga lutou incessantemente contra as injustiças e os desmandos que a população de sua prelazia estava sofrendo. Por conta disso, foi investigado, denunciado – inclusive por alguns de seus colegas religiosos – e quase foi assassinado. Nada disso, entretanto, foi capaz de abater seu espírito combativo e justo, o qual foi colocado à

disposição de seus fiéis da Prelazia de São Félix até 2005, quando ele se retirou da sua função de prelado.

3. As relações Estado-Igreja no Brasil no período militar

A atuação dessa esquerda pode ser sublinhada pelo surgimento de grupos extremamente atuantes, como a JUC (Juventude Universitária Católica) e a ACB (Ação Católica Brasileira). Esses grupos eram ligados à hierarquia da Igreja, todavia, desfrutando de uma considerável autonomia para suas ações. Importante no contexto das mudanças que estavam ocorrendo dentro do pensamento católico brasileiro foi o Concílio do Vaticano II, onde suas orientações sistematizaram, confirmaram e deram oficialidade à tendência progressista dentro da Igreja.

Entretanto, no momento em que cada vez mais a Igreja estava ficando ao lado dos pobres, iniciou-se no país o regime militar com o golpe de 1964. Quando padres, bispos e outros religiosos passaram a defenderem as causas dos oprimidos – como os posseiros – eles foram também identificados como subversivos, sofrendo assim toda a sorte de perseguição e desconfiança por parte dos militares. Dessa forma, somado ao fato que problemas como a pobreza, violência, desigualdade social, e outros, a repressão sofrida pelos religiosos católicos fez com que a militância e determinação dessas pessoas redobrassem, fato que teve como consequência o aumento da simpatia pelos que lutavam pela terra e oposição ao regime militar.

Começava o momento em que Estado e Igreja estiveram mais distantes e opostos na história do Brasil. Quando os militares tomaram o poder, muitos representantes da Igreja Católica viam com bons olhos o novo regime, visto que os militares tinha em comum diversos aspectos, como o respeito pela hierarquia e o grande desprezo pelos comunistas. Porém, a repressão contra vários de seus membros, os quais lutavam em favor dos oprimidos, fez com que divergisse. Assim “A Igreja e o Estado não estavam apenas se separando politicamente, mas em termos de suas cosmologias, que haviam compartilhado durante séculos” (SERBIN, 2001, pp. 117-8).

Para aliviar as tensões entre Estado e Igreja, representantes de ambos os lados iniciaram uma série de encontros que ficaram conhecidos como bipartite. Essa “comissão” pode ser vista como uma série de reuniões secretas e não oficiais, mas que possuía um importante papel com o objetivo de abrandar as tensões que surgiam com os

desentendimentos entre militares e religiosos. Aconteceram 24 encontros entre militares e religiosos, mas

Houve também outras reuniões, bem como muitos contatos informais entre elementos das suas partes. As discussões com núncio, encontros a dois e almoços relacionados à comissão, revelam que essa era uma rede extensa de negociação. (SERBIN, 2001, p.214)

Na realidade, com o endurecimento do regime militar a partir do governo Costa e Silva e o aumento dos oficiais “linha dura” no exército, surgiu um conflito entre a ideia de justiça social da Igreja e de subversão do Estado militar brasileiro. Por um lado, na visão dos militares, os religiosos não entendiam o momento que o Brasil estava vivendo, com a influência de comunistas no país e, com isso, prejudicava o desenvolvimento do país. Por outro lado, a situação política e econômica brasileira era responsabilizada pelos religiosos mais atuantes como a causa da pobreza e miséria de boa parte da população, fato que os governos militares não conseguiam solucionar. Assim, os religiosos partiam em defesa dos oprimidos, o que faziam dos religiosos subversivos e alvos de repressão por parte dos militares, situação que dava mais determinação à ação dos religiosos, criando um espiral de desentendimentos que explica as tensões entre Estado-Igreja no Brasil.

Portanto, o século XX foi um período em que as relações entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica foram intensas e conturbadas. Da separação no início do século, surgiu a reconciliação por um período e as tensões quando os militares subiram ao poder. Quando o Estado nacional e a Igreja Católica experimentaram transformações importantes durante a década de 1960, o choque foi inevitável, visto que as orientações de ambos, embora houvesse alguns pontos em comum, se opuseram. Pode-se concluir, tomando base o ponto de vista de Kenneth Serbin, que “No século XX, a Igreja e o Exército, duas das instituições mais importantes do país, cooperaram e colidiram enquanto tentavam se modernizar, influenciar o desenvolvimento da sociedade e contribuir para a criação da identidade brasileira. (SERBIN, 2001, p. 412)”.

Referências Bibliográficas

- ESTERCI, Neide, *Conflito no Araguaia: peões e posseiros contra a grande empresa*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MARTINS, Edilson. *Nós do Araguaia: Dom Pedro Casaldáliga, bispo da teimosia e liberdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1998
- MARTINS, José de Souza. *A militarização da questão agrária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984
- MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. tradução: Carlos Eduardo de Lins da Silva. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Fontes da Internet

Anais da Assembléia Legislativa de Pernambuco. Ata da Quadragésima Sexta Reunião de 17 de maio 1977 Dispon<http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/anais/pdf/006_08-1-003-1-046.pdf>. acesso em: 25 de dezembro de 2009.

Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social<<http://www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br/uma-igreja-na-amazonia/umaigreja.htm>> acesso em 4 de maio de 2009.

Fontes documentais

Atuação subversiva de padres estrangeiros em Mato Grosso.

Coação eleitoral e subversão em Santa Terezinha, Município de Luciara – Nordeste de Mato Grosso.

¹ <http://www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br/uma-igreja-na-amazonia/umaignreja.htm>. (acesso em 17 de dez de 2009)

² Segundo o próprio Pedro Casaldáliga, prelado à época

³ Esclarecimentos do padre Robson Pereira de Oliveira, reitor do Santuário Basílica de Trindade (GO), em conversa que tivemos em 20 de dezembro de 2009.

⁴ Em “Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”, Pedro Casaldáliga faz uma extensa análise acerca da região e do perfil dos habitantes da região. Seu trabalho mostra a seriedade da sua missão junto ao povo da prelazia, procurando o prelado traçar um perfil verdadeiro da população que por lá vivia, abrindo mão de quaisquer hipóteses de romantização ou supervalorização de seu povo, percebendo ele as virtudes e os defeitos com os quais ele iria lidar.

⁵ Cabe ressaltar que o policial efetuou um disparo com uma bala do tipo *dum-dum*, projétil extremamente lesivo, pois ao acertar o alvo ele despedaça-se em muitos estilhaços aumentando os danos causados em sua vítima. Esse tipo de munição, também conhecido com “bala oca”, foi vetado para uso das forças armadas, mas nenhuma proibição quanto o uso das forças policiais. Recentemente, o brasileiro Jean Charles de Menezes foi morto, “por engano”, na Inglaterra sendo vítima do mesmo projétil que tirou a vida de Burnier.

⁶ Coação eleitoral e subversão em Santa Terezinha, município de Luciara – Nordeste de M. Grosso. Documento recolhido no Arquivo Nacional de Brasília.

⁷ A década de 1960 foi bastante atribulada na missão desses religiosos. Além da guinada da Igreja Católica rumo à população mais pobre, a América Latina vivia um momento de convulsão política, com a Revolução Cubana estando consolidada e servindo de referência para outros países e o início dos golpes militares em vários países latino-americanos. Casaldáliga mesmo esteve em dúvida se viria ao Brasil ou a Bolívia, país onde naquela época foi assassinado Ernesto “Che” Guevara, um dos grandes nomes do levante cubano.

⁸ O sítio na internet da Prelazia de São Félix do Araguaia fornece na íntegra a reprodução da carta escrita por Pedro Casaldáliga.

⁹ Ele era conhecido como um ultraconservador anticomunista. Suas ações sempre se pautaram contra qualquer atitude que fosse contra o sistema vigente. Prova disso é que em 1964, Sigaud “Manteve um padre radical preso na residência do arcebispado (SERBIN, 2001, p. 262).

¹⁰ Disponível em: < http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/anais/pdf/006_08-1-003-1-046.pdf > Acesso em: 25 de dezembro de 2009